



CARTAS AO EDITOR

O UNIVERSO, A VIDA, A SOCIEDADE E A SEXUALIDADE HUMANA

CARLOS ALBERTO MORAIS DE SÁ

A dificuldade do homem face ao sentido da vida provoca na vida adulta a crise do vazio existencial¹: o porquê da existência, a finitude, as dificuldades de entendimento de valores simbólicos, os reflexos do pulsar coletivo do inconsciente, a perplexidade diante dos caminhos de sua sexualidade, o nosso mundo, o universo, a sua origem e o próprio rumo do universo pessoal. Como uma reflexão sobre as origens do universo e da vida na Terra, o processo reprodutivo dos seres vivos é fundamental como ponto de partida para o entendimento do comportamento do ser humano, da sua sexualidade e organização social.

Nosso universo, com 15 a 20 bilhões de anos, teve origem, segundo a cosmologia moderna, pela explosão da singularidade (*Big Bang*), um ponto com densidade e curvatura infinita, onde as leis conhecidas da física não têm validade. Ainda hoje, neste exato momento, estão nascendo singularidades nos interiores galácticos, produzidos por estrelas que morrem e se encolhem sob o poder de sua própria gravidade².

O instante imediato após o *Big Bang*, fração de segundo com 42 zeros, é conhecido como tempo de Planck. A era hadrônica corresponde ao tempo seguinte, com fração de segundo com 23 zeros. Nesta era surgem os mésons, prótons e nêutrons e suas antipartículas como pares hadrônicos. Estes pares existiram em estado livre como quarks e antiquarks, e viriam a constituir os

tijolos básicos para a construção de todo o universo. Após um décimo de milésimo de segundo, ingressa-se na era leptônica, com temperatura caindo para cem bilhões de graus, chamando-se então de Cosmo essa sopa espessa de radiação com fótons e léptons (elétrons, neutrinos e anti-neutrinos). A rápida expansão do universo segundos após, com a temperatura reduzindo-se para dez bilhões de graus, leva ao ingresso na era da radiação. A era leptônica dura pouco mais de três minutos. A era da radiação, inicialmente opaca, torna-se transparente quando a luz se faz a partir da queda da temperatura para três mil graus com a formação de átomos de hidrogênio e a dissociação dos fótons da matéria. A era radioativa durou um milhão de anos. Segue-se a era estelar, com dez bilhões de anos, quando ocorre a formação das galáxias a partir dos universos-ilha, quando o Cosmo adquire aparência próxima da atual.

O Universo, pela existência de massa escura em quantidade suficiente, pode converter a atual expansão das galáxias em movimento de contração, o que poderá provocar uma nova explosão. Este é o princípio do universo pulsante, que aparece e desaparece, como se morresse e ressuscitasse a partir de seus escombros.

Portanto, nosso mundo surge da singularidade; em fração de segundos, alcança a grandeza das galáxias e atinge tempos próximos do infinito, para posteriormente reduzir a singularidade, podendo novamente explodir e reiniciar um novo ciclo.

Professor Titular de Clínica Médica da Universidade do Rio de Janeiro (UNI-RIO); Diretor do Centro Nacional de Pesquisas em AIDS do Hospital Universitário Gaffrée e Guinle.

*Os indivíduos,
componentes da estrutura
familiar, buscam seu
bem-estar pessoal
no trabalho...*

Nosso universo constitui-se de matéria, energia, espaço e tempo. É possível, no entanto, a existência de outros universos em paralelo, com constituição, princípios e realidade distintas do nosso.

O Sol, que nos aquece e ilumina, tem aproximadamente cinco bilhões de anos, e estima-se que existirá provavelmente por mais cinco bilhões de anos, quando então deverá explodir. A Terra, advinda do Sol, após esfriar sua crosta, sofreu inúmeros processos de ajuste, adaptação e desgaste, que ofereceram as condições essenciais para a emergência do fenômeno da vida biológica em sua superfície.

Há aproximadamente 3,8 bilhões de anos, em plena era arqueozóica, apareceram os primeiros indícios de vida com o surgimento das algas marinhas. Há 1,42 bilhão de anos, já na era proterozóica, apareceram os primeiros invertebrados e esporos. Somente na era paleozóica, em pleno período cambriano, ou seja, há aproximadamente 500 milhões de anos, surgiram os musgos, as plantas vasculares, como a samambaia, e os peixes. Os demais períodos, de 390 a 230 milhões de anos, assistiram ao aparecimento dos anfíbios, répteis, insetos, gimnospermas e árvores coníferas. Na era mesozóica, há aproximadamente 160 milhões de anos, a partir do período jurássico, emergiram mamíferos, pássaros, as plantas com flores, cereais e gramíneas. Os mamíferos placentários, somente ao final da era mesozóica, há 70 milhões de anos, em período cretáceo superior, começaram a se expandir. Há 20 milhões de anos, na era cenozóica, surgiram os primeiros ancestrais do homem.

A vida no universo é, portanto, um fator relativamente recente. Suas formas de aparecimento e adaptação passam por inúmeras mudanças, extinções e ressurgimento. Antes da vida havia a não-vida. O que chamamos de morte é um processo natural de limite na vida individual, indispensável à evolução na Terra, permitindo o nascimento de variantes biológicas e o aparecimento de novas espécies ou indivíduos.

A reprodução dos seres vivos experimentou diversificadas vari-

ações ao longo dos tempos. A sexualidade, como variante de reprodução, ocorreu tanto no reino vegetal quanto no animal. Apesar de a natureza vir experimentando ao longo dos tempos diversificações na sexualidade em busca da preservação das espécies e da vida, muitas formas de vida sexuada desapareceram. Os répteis de grande porte se extinguíram. Os insetos e anfíbios, não obstante, permanecem vivos.

E o homem, quando e como apareceu na Terra? Como se organizou? Sua sexualidade é monomórfica?

Há 2,8 milhões de anos, com a regressão de bosques e expansão das savanas, os pré-humanos se dividiram em gênero *Homo*, de onde se originaram o *Homo sapiens* (homem atual) e o *Australopithecus*, meio homem meio macaco, que se extinguiu.

As mudanças climáticas, há um milhão de anos, proporcionaram a expansão dos hominídeos da África para o mundo, pela passagem entre a África e Ásia Central, causada pela redução do nível dos oceanos, em função da era glacial.

O *Homo sapiens* surgiu há aproximadamente 25 mil anos, sucedendo o *Homo erectus*, ao final do Plistoceno e início do Holoceno. Esses grupos faziam ferramentas de marfim, osso e pedra, além de utilizarem arco, flecha e lançador de dardos para a caça e anzol com linha para a pesca. O trabalho era coletivo com participação de homens e mulheres.

A mulher tinha múltiplas funções e para assegurar o crescimento do grupo eram usuais a poligamia e a endogamia. Sua função de criadora, fixadora e transmissora de hábitos culturais permitiu a passagem à agricultura (Revolução Neolítica). As mulheres domesticavam animais (pecuária), fabricavam cerâmica, tecidos e exerciam medicina caseira. Na comunidade primitiva a mulher era socialmente superior ao homem em função de múltiplos casamentos e responsabilidades, que se caracterizavam como matri-

arcado pela linha de descendência feminina.

O patriarcado nasce com o surgimento da propriedade privativa (rebanhos e terra), já que passou a haver necessidade de se garantir o direito dos filhos à herança. A mulher passa a ser entregue ao homem sem reservas, havendo exigência de virgindade antes do casamento e fidelidade conjugal. A monogamia foi imposta à mulher para se garantir a certeza de paternidade e para legitimar filhos com direito à herança após a morte do pai³.

O homem (*Homo sapiens*) com consciência do mundo e suficientemente sensível para perceber sua realidade destaca-se no reino animal por criara sua cultura através da geração de objetos e idéias. Incorpora consciência, percepção e cultura em sua sexualidade, que deixa de ter exclusivamente função de reprodução para se constituir como fonte de prazer e realizações pessoais.

A vida do homem é influenciada por sua cultura sexuada. Esta tendência já existia há dez mil anos, no homem neolítico, quando se organizou a economia cooperativa patriarcal de direção única (chefes, líderes, etc.). As trocas físicas, emocionais e intelectuais passaram a ocorrer simultaneamente nos relacionamentos humanos com todo o seu enorme potencial criativo associado ao poder destrutivo. A necessidade de sobrevivência em pequenos grupos gerou as famílias⁴, que passaram a estabilizar personalidades, socializar seus componentes e funcionar como unidade emocional e matriz para o desenvolvimento das personalidades. As famílias harmônicas expressaram carinho, atenção, solidariedade e lealdade, porém em desarmonia há conflito, ódio, culpa, punição, etc.

As famílias se ajustam aos diferentes ambientes geofísicos, econômicos, psicossociais, culturais, religiosos e aos eventos da vida, como doenças, guerras, cataclismos, nascimento, separações, mortes, dentre outros.

Os indivíduos, componentes da estrutura familiar, buscam seu bem-estar pessoal no trabalho, no amor ou na diversão através do prazer. A construção deste bem-estar depende de saúde física, integridade e identidade pessoal. Ao longo da

A sexualidade não-aceita ou desadaptada tem gerado conflitos e frustrações.

vida, situações de crise ou desequilíbrio se solucionam pela adaptação ao evento estressante. A má adaptação ou falta de solução satisfatória poderão causar síndromes psicopatológicas ou atrofiar o desenvolvimento do indivíduo.

A dificuldade do homem em lidar com sua sexualidade data, portanto, de épocas remotas. Vinte e cinco mil anos de consciência e cultura na sexualidade geraram muitas vezes conflitos, frustrações, ansiedades, depressão e infelicidade. Entre os outros animais, em que a sexualidade tem como única finalidade a reprodução, este processo é simples e não-doloroso.

Ao longo dos últimos dez mil anos, a orientação sexual predominante levou a sociedade humana a se organizar como heterossexual. Na história dos gregos e no Império Romano houve organização homossexual. Entre os gregos era considerado puro o amor desprovido do interesse da reprodução. A cultura clássica exaltava façanhas homossexuais de heróis masculinos como Zeus, Hércules e Júlio Cesar⁵. As sociedades judaico-cristã e muçulmana assumem o heterossexualismo como única orientação sexual. Variada gama de intermediários entre a heterossexualidade e a homossexualidade passa a ser negada. A heterossexualidade, como sexualidade oficialmente aceita, desloca as demais orientações sexuais para espaços não-oficiais ou a oculta através de um manto de negações. Para muitos, esta seria a ordem natural das coisas, manifestações apropriadas de instinto biológico, reforçado por educação, religião e lei. No entanto, a minoria significativa de homens e mulheres, cerca de 1% a 5% da população, é atraída exclusivamente por indivíduos de seu próprio sexo⁶. A homossexualidade masculina e feminina com todas as suas variantes e os intermediários da heterossexualidade representam a pluralidade da natureza na expressão da sexualidade humana. Este caráter da orientação sexual do homem, bem como outras expressões de sexualidade são socialmente negadas, muitas vezes reprimidas ou proibidas, caracterizando-se como um verdadeiro tabu, gerador de conflitos, frustrações, ansiedade e de-

pressão. A sociedade se adapta e utiliza escapes na expressão de sua sexualidade, como a música, a dança, os esportes, o uso corriqueiro de palavras, a vestimenta, etc. A incorporação da sexualidade como fonte de prazer na vida humana transforma-se, muitas vezes, em fonte de infelicidade pela intensidade dos conflitos ou o grau de frustrações geradas.

CONCLUSÃO

O universo que nasce de matéria e energia, gerando espaço e tempo há quase 20 bilhões de anos, poderá se contrair e desaparecer. A vida biológica na Terra vem se organizando ao longo de 3,8 bilhões de anos. O homem, a mais recente forma de vida complexa a chegar na Terra, vem evoluindo e se estruturando como indivíduo e coletividade há 25 mil anos. A diferença entre o homem e as demais formas de vida prende-se à sua capacidade de percepção do mundo, gerar idéias e objetivos, ter consciência, fazer projetos, estabelecer regras, criar artifícios e expressar sua subjetividade através de valores simbólicos e fantasias. Organiza-se socialmente em grupos, cria a família, estabelece o patriarcado e impõe monogamia, fidelidade e virgindade no casamento para as mulheres, a fim de garantir a transferência das propriedades para seus filhos. Ao polimorfismo da sexualidade humana se incorporam subjetividade e cultura. A sexualidade do homem, que raramente tem função de reprodução, incorpora-se ao projeto de vida, refletindo no conjunto de suas atividades. A sexualidade humana, naturalmente polimórfica, esbarra em regras sociais rígidas e restritivas, garantidas por leis, crenças ou mitos. Formam-se tabus e preconceitos com elevado efeito social discriminatório e repressivo. O comportamento humano adaptativo se faz sentir pela negação, medo, culpa, vergonha ou rejeição⁷. Em conseqüência, o comportamento sexual é permeado pela

mentira, hostilidade e manipulação. A sociedade contemporânea, que enfrenta a epidemia da AIDS, vem descobrindo com perplexidade a existência de variada gama de comportamentos, estilos de vida e orientações sexuais, não obstante a existência de padrões oficialmente aceitos, como o da heterossexualidade. A sexualidade não-aceita ou desadaptada tem gerado conflitos e frustrações que causam ansiedade, depressão ou outros distúrbios psicopatológicos. Portanto, a sexualidade humana, fonte de prazer e felicidade, que confere sentido ao projeto humano de vida, com frequência se transforma em fonte de infelicidade por gerar conflitos e frustrações. Nos demais animais em que a sexualidade e a reprodução se superpõem, inexistente esse mecanismo gerador de infelicidade. É possível que a natureza, que vem experimentando sucessivas mutações e adaptações nos 3,8 bilhões de anos de vida na Terra, encontre no futuro outras soluções de vida reprodutiva que extinguam da sexualidade a fonte de infelicidade e inaugurem a era de felicidade como base de vida para o *Homo* do futuro no universo.

Endereço para correspondência:
CARLOS ALBERTO MORAIS DE SA
R. Mariz e Barros 775 - CEP 20270-000 - Rio de Janeiro-RJ

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CARVALHO, J.M.R. - O vazio existencial e o sentido da vida. *Inform. Psiq.*, 12(3):81-120, 1993.
2. CAPOZOLI, U. - *Antes do universo, o nada reinou absoluto. Ciência especial.* O Estado de São Paulo. 31 de janeiro de 1993.
3. LEÃO De AQUINO, R.S. et al. - *História das sociedades.* Livro Técnico, Rio de Janeiro, 1982. p.70.
4. RAMSEY, C.N., Jr. & LEWIS, J.M. - Family structure and functioning. In: RAKEL, R.E. - *Textbook of Family Medicine.* 4. ed., Saunders, Filadelfia, 1990. p. 19.
5. BYNE, W. - *The biological evidence challenged.* Scientific American. Maio, 1994. p. 26-31.
6. LE VAY, S. & HAMER, D.H. - *Evidence for biological influence in male homosexuality.* Scientific American. Maio, 1994. p. 20-25.
7. SPICKARD, A. - Advances in epidemiology, diagnosis, and intervention of alcohol and drugs. In: *Year Book of Medicine.* Mosby, St. Louis, 1991. p. 391-407.